

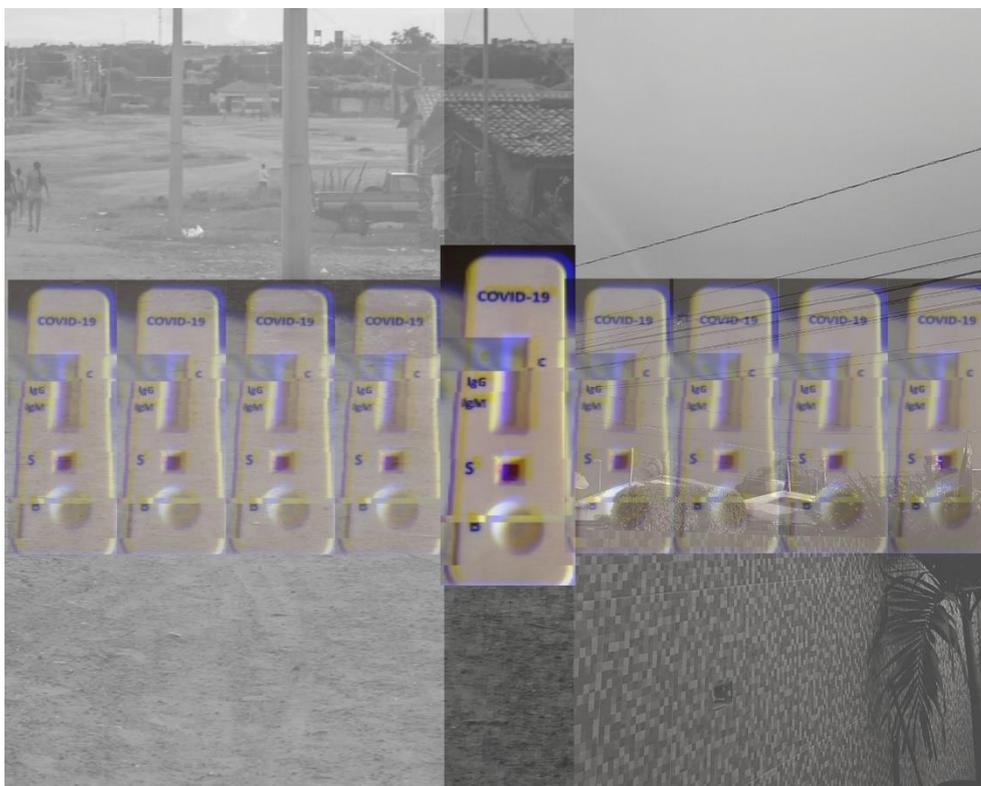
02 de outubro de 2020

Boletim n. 04 – A questão étnico-racial em tempos de crise

No Boletim n. 04, *Edilma do Nascimento J. Monteiro (UFRN)* e *Marcilânia Gomes Alcântara Figueiredo (UNOPAR)* apresentam relatos analíticos duais a partir de seus pontos de vista corporificados e espacialmente contextualizados. Marcilânia Alcântara discorre sobre os impactos da pandemia e as resistências de sua comunidade cigana no sertão da Paraíba, enquanto Edilma Monteiro relata seu retorno ao lar, na capital do estado, e as materializações da necropolítica em espaços de saúde pública. Conectando os relatos, discorrem sobre as interseções de enfrentamentos e dificuldades que ligam uma mulher cigana da etnia Calon e uma mulher negra separadas por centenas de quilômetros, mas conectadas por pertencimentos e olhares sobre a pandemia.

Experiências de mulheres nordestinas em meio a Pandemia do Covid-19

*Por Edilma do Nascimento J. Monteiro
e Marcilânia Gomes Alcântara Figueiredo*



Fotomontagem produzida por Edilma Monteiro

As narrativas que compõem esta escrita são traduções das experiências de duas mulheres que vivenciam os atravessamentos do marcador das relações étnico-racial, e buscam refletir brevemente os impactos da pandemia em seus contextos sociais. Escrito a quatro

02 de outubro de 2020

Boletim n. 04 – A questão étnico-racial em tempos de crise

mãos, apresentamos como objetivo uma análise subjetiva a partir de nossos contextos, sobre estar vivendo na Pandemia do Covid-19 no estado da Paraíba, nordeste brasileiro. O texto está dividido em três momentos: esta síntese de apresentação contextual; no segundo momento, a experiência de Marcilânia Alcântara, que relata sobre os impactos em várias perspectivas da sua vida neste momento do isolamento social entre ciganos Calon no sertão da Paraíba e, no terceiro momento, a partir da experiência de Edilma Monteiro, mulher negra, residente na capital paraibana (litoral), vamos ler mais sobre o coronavírus corporificado. Ao final do texto fecharemos as ideias, numa perspectiva de relacionar as experiências.

A pandemia na perspectiva de Marcilânia

O atual cenário que estamos vivenciando é um momento atípico, pelo que jamais imaginaríamos passar. Mudou por completo minha rotina diária, que vai desde as atividades desenvolvidas na escola onde trabalho como professora da educação básica, até as mais simples, do convívio familiar. Sou de etnia cigana, moro na maior comunidade cigana sedentarizada do país e venho observando o estrago que esse vírus vem fazendo na mesma. Nós, que pelo espírito livre que temos, estamos privados de fazer o que mais gostamos: nos reunir nos terreiros¹, compartilhar risadas nas rodas de conversa e cantoria, compartilhar o nosso amado café. A rotina da comunidade já não é mais a mesma, portas fechadas, pouco movimento e muitos em situações precárias no que diz respeito à alimentação principalmente.

Em relação ao trabalho, vivo em angústia constante, pois desde que a pandemia teve início, o município vem desenvolvendo o ensino por meio de atividades remotas, onde nos conectamos com os alunos por meio de celulares e o computador. Mas aí vem a questão: e os alunos que não têm acesso a internet? Que tipo de educação estão tendo? Estamos trabalhando com equidade? Infelizmente não.

Atuo em uma sala de aula onde mais de 50% do corpo discente faz parte da mesma comunidade que eu e posso afirmar com certeza que conheço a realidade de cada um. Ou seja, poucos tem acesso à internet. Se não tem acesso a uma alimentação e condições dignas de sobrevivência, que dirá acesso a atividades virtuais. Está aí o motivo da minha angústia. A estes alunos são destinadas apenas atividades impressas que eles desenvolvem sozinhos. Eu digo sozinhos mesmo, porque a maioria dos pais são analfabetos e os

¹ Terreiro é o local externo aos ranchos (casa). Espaço onde a socialidade acontece com conversas, brincadeiras. No contexto de Sousa-PB, onde está localizada a residência de Marcilânia, o terreiro também é um espaço de compartilhamento do cotidiano.

02 de outubro de 2020

Boletim n. 04 – A questão étnico-racial em tempos de crise

trabalhos são devolvidos todas as segundas-feiras na escola, sem nenhum contato com professor, sem nenhum feedback.

Dessa forma, em minha opinião, esse modelo de ensino tem excluído cada vez mais os estudantes menos favorecidos, ferindo até mesmo o próprio princípio da LDB² de proporcionar uma educação de qualidade a todos sem distinção.

A comunidade cigana vem resistindo ao vírus praticamente sozinha, a única ajuda que recebeu até o presente momento foi a distribuição de cestas básicas de maneira esporádica. Não recebemos nenhum tipo de protocolo sanitário por parte de nenhuma esfera, nem municipal, nem estadual, muito menos federal. Não há nenhum tipo de gerenciamento do vírus. Temos quatro casos confirmados e mais alguns em investigação, nas três comunidades ciganas de Sousa, e não vi, por parte da secretaria de saúde, nenhum acompanhamento. A comunidade está isolada, tomando apenas as medicações prescritas, mantendo o cuidado sobre o distanciamento social.

A prevenção vem sendo feita pelos próprios moradores, onde tenho colaborado com algumas informações importantes e buscando doações com amigos para compra de alimentos, medicamentos e kits de higiene.

As mulheres ciganas são as mais afetadas neste momento, uma vez que ficamos mais vulneráveis e enfrentamos o vírus de frente, se alguém da família é acometido do mal, pois são as mulheres ciganas responsáveis por todos os cuidados do lar. Na realidade, mais uma vez estamos à mercê da sociedade, sem ajuda, sem um olhar de cuidado, sofremos com condições sanitárias precárias, moradias precárias. Nos falta muito para uma sobrevivência digna. A luta é incansável, mas não desisto!

A forma organizacional dos ciganos Calon na Paraíba, em seus métodos de cuidado, tem sido eficaz para pensar como alguns grupos sociais têm se organizado de forma autônoma neste momento. Isso não é o ideal, mas é o real. A ausência do Estado não omite sua responsabilidade. A pandemia surge como um novo espectro para dimensionar as diferenças entre a população mundial.

Edilma e a experiência pelo coronavírus

No dia 17 de março, estou eu, seis malas e meu companheiro, no terminal rodoviário de Florianópolis, iniciando a caminhada de retorno até a Paraíba. Naquele momento, não tínhamos noção que nossa saída da Ilha da Magia coincidiria com o fechamento da cidade. Desde aquela noite, muita coisa mudou. Chegando a São Paulo, voos foram cancelados e ficamos parados na capital paulistana por mais dois dias. Chego na Paraíba no dia 21 de março e fico em isolamento por dez dias. Só no dia 31 encontro

² LDB- Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional

02 de outubro de 2020

Boletim n. 04 – A questão étnico-racial em tempos de crise

com minha mãe, que é idosa e uma das minhas maiores preocupações nesta pandemia, pois por estar desempregada e sem renda, seria com ela que eu ficaria durante a pandemia.

Dia 25 de abril atendo um chamado da minha mãe que dizia estar com frio e suspeita de febre. Entre o final de abril e início de junho acompanhei toda a minha família adoecendo de maneira sequencial. Por último eu adoeci, e de forma gradativa fui piorando.

Neste ínterim, no início de maio, meus sintomas surgiram e se agravaram. Não conseguia ficar de pé, passei mais um dia entre inalação, nebulização, massagens nas costas e no peito, dipirona, sem sentir sabor ou cheiro, e, duvidando que estaria com covid-19. No final do eu considero como o oitavo dia de sintoma, a dor sob o meu peito se abateu de uma forma muito mais intensa. No dia seguinte, estava sem conseguir falar, as dores no estômago e no peito haviam piorado e eu não entendia o que poderia ser aquilo. Sem forçar mais, decidi ir para UPA- Unidade de Pronto Atendimento. Chegando lá, fui atendida, classificada e dirigida à sala de medicação. A sala estava lotada, ao meu lado outras pessoas estavam sendo medicadas, algumas diagnósticas com o vírus, outras não. Saí da sala de medicação em direção ao consultório médico. Chegando lá ele me fala: “Seu quadro é um possível diagnóstico de coronavírus, mas não temos como realizar exames específicos com você neste momento, por estares no oitavo dia. Você deve ligar para o tele-atendimento, informar sua situação e pedir para ser testada”.

Naquele momento eu ainda não conseguia compreender o que estava acontecendo. Ainda com fortes dores e desconforto para respirar, tive um certo pânico ao ver tantas pessoas sem atendimento. No décimo primeiro dia de sintomas, realizo o teste rápido que atesta quadro viral positivo/reagente para o vírus SARS-Cov-2. Ao retornar para UPA no dia posterior, devido às fortes dores no peito, o cenário já era outro. Em um curto espaço de tempo, a UPA já não tinha suporte físico, e a medida tomada pela equipe de saúde era cancelar os atendimentos, várias pessoas ficaram sem atendimento. Ter ido para UPA naquele dia não foi uma boa decisão. Junto à dor no peito, veio a dor na alma de ver tantas pessoas indo embora sem atendimento. Dirigi-me à assistente social, afirmando que aquilo era criminoso, porque o médico estava ali, e ele devia atender as pessoas. Não por acaso, as pessoas encaminhadas para casa tinham raça, classe e geração, explicitando o tratamento diferenciado. Pensei que a existência de uma necropolítica dentro da estrutura da saúde é real e totalmente ativa, neste momento. Não é por acaso que são pessoas negras que estão no pico dos índices de mortalidade no Brasil e no mundo.

02 de outubro de 2020

Boletim n. 04 – A questão étnico-racial em tempos de crise

Interseccionando

Pensar a experiência da Pandemia a partir dos corpos de mulheres (cigana e negra) que constroem narrativas subjetivas em contextos e lugares sociais distintos possibilitam uma análise interseccional³, dando parâmetros para pensar a Pandemia em sua forma do isolamento social e do corpo adoecido pelo vírus. Nossos enfrentamentos e dificuldades neste momento, nos recolocam de forma abrupta, demonstrando que a igualdade ainda é algo pela qual precisamos lutar. Seja no cotidiano, nas lutas diárias ou em casos de acesso à saúde, vemos nossas vidas, ou não-vidas, subjugadas às inexistências por falta de direitos. A transversalidade que nos toca a partir dos marcadores sociais da diferença é fundamental para perceber como a pandemia termina se tornando mais um instrumento da necropolítica⁴ (ou Estado), sobrecarregando mulheres, principalmente aquelas com pertencimento étnico racial, excluindo e exterminando determinadas etnias, através do descaso planejado e da negação de suas existências.

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, vol. 10, n.1, p.171-188.2020

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

Edilma do Nascimento J. Monteiro é pós-doutoranda em *Antropologia Social (PPGAS/UFRN)*. Doutora em *Antropologia Social (PPGAS/UFSC)*. Mestre em *Antropologia Social (PPGA/UFPB)* e Bacharela em *Ciências Sociais com ênfase em Antropologia (DCS/UFPB)*. Desenvolve pesquisa sobre/com crianças ciganas e processos de aprendizagem no estado da Paraíba e sobre os impactos da pandemia do Covid-19 entre famílias ciganas. Tem colaborado com a temática cigana no projeto de extensão *Observatório Antropológico/UFPB*. Participa como integrante dos grupos de pesquisa *CRIAS - criança, sociedade e cultura (UFPB)*; do *NEPI - Núcleo de Estudos de Populações Indígenas (UFSC)*. Participa da *Rede Saberes e Educação do INCT Brasil Plural*. Integrante da rede de pesquisadores do grupo de trabalho *Romani Studies*. Integrante no *Comitê de Antropólogos/os Negras/os- ABA*. E-mail: edilmanjmonteiro@gmail.com

³ Interseccionalidade aqui pensada a partir de Kimberlé Crenshaw

⁴ O conceito de necropolítica utilizado é do autor filósofo camaronês Achille Mbembe. Queremos referenciar, a partir de tal conceito, o projeto genocida do Estado brasileiro para com estas populações.

02 de outubro de 2020

Boletim n. 04 – A questão étnico-racial em tempos de crise

Marcilânia Gomes Alcântara Figueiredo é Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Pós-graduada em Neuroaprendizagens e práticas pedagógicas pela UNOPAR. Atualmente cursa Licenciatura em Educação Física pela UNOPAR. É professora da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Sousa-PB. Ministra aulas de dança. Coordena os projetos, “Dirachin Calin” que trabalha a valorização da cultura cigana através da dança, e o “As cores da minha cultura” que narra através de contos histórias e memórias do povo cigano Calon. E-mail: marcyalcantarakalin@gmail.com

Este texto é parte de uma série de boletins sequenciais sobre a questão étnico-racial em tempos de crise que será publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

